

A cor que caiu do céu

**A
cor, que
cadiu do céu**

Tradução
Celso M. Paciornik

H. P. LOVECRAFT

ILUMINURAS

Titulos originais

The alchemist; The beast in the cave; The colour out of space; He;
The evil clergyman; The rats in the walls; The street;
The Dunwich horror; The shadow out of time

Copyright © 2018 desta edição e tradução

Editora Iluminuras Ltda.

Capa e projeto gráfico

Eder Cardoso / Iluminuras

Revisão

Ariadne Escobar Branco

Bruno Silva D'Abruzzo

Camila Cristina Duarte



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L947c

Lovecraft, H. P. (Howard Phillips), 1890-1937

A cor que caiu do céu / H. P. Lovecraft; tradução Celso M. Paciornik. – 2. ed. –

São Paulo : Iluminuras, 2018 - 1. Reimpressão, 2019

240p; 22,5cm

Tradução de: The alchemist; the beast in the cave; the colour out of space; he;
the evil clergyman; the rats in the walls; the street; the dunwich horror; the
shadow out of time

ISBN 978-85-7321-585-4

1. Conto americano. I. Paciornik, Celso M. II. Título.

18-49819

CDD: 813

CDU: 82-34(73)

2019

EDITORIA ILUMINURAS LTDA.

Rua Inácio Pereira da Rocha, 389 - 05432-011 - São Paulo - SP - Brasil

Tel./Fax: 55 11 3031-6161

iluminuras@iluminuras.com.br

www.iluminuras.com.br

Índice

o alquimista, 9

A fera na caverna, 21

A cor que caiu do céu, 29

ele, 65

o ministro maligno, 79

os ratos nas paredes, 86

A rua, 111

o Horror de Dunwich, 119

A sombra fora do tempo, 173

sobre o autor, 253

O ALQUIMISTA

No alto, coroando o cimo relvado de um morro redondo cujas encostas são cobertas, perto da base, pelas árvores retorcidas da vegetação primeva, ergue-se o velho castelo de meus ancestrais. Durante séculos, suas imponentes ameias fitaram, carrancudas, os campos inóspitos e escarpados abaixo, servindo de lar e cidadela para a casa altiva cuja nobre linhagem é ainda mais antiga que as muralhas cobertas de musgo do castelo. Essas torres ancestrais, manchadas pelas tempestades de gerações e ruindo sob a lenta, mas potente pressão do tempo, constituíam, na era feudal, uma das mais formidáveis e temidas fortalezas de toda a França. De seus parapeitos com balestreiros e ameias engastados, barões, condes e até mesmo reis foram desafiados, sem jamais ressoar em seus vastos salões as passadas do invasor.

Desde aqueles anos gloriosos, porém, tudo mudou. Uma pobreza pouco acima da miséria extrema, junto com um orgulho do nome que proíbe o seu alívio nas ocupações da vida comercial, impediram que os rebentos de nossa linhagem mantivessem o prístino esplendor de sua propriedade; e as pedras caídas das paredes, o mato espalhado nos parques, o fosso seco e poeirento, os pátios mal pavimentados e as torres altaneiras de fora, bem como os pisos arqueados, os lambris carcomidos e as tapeçarias desbotadas dentro, tudo conta uma história soturna de grandeza decaída. Com o passar dos tempos, primeiro uma, depois outra das quatro torres imponentes foram deixadas se arruinar, até que, por

fim, uma única abrigava os descendentes tristemente reduzidos dos antes poderosos lordes da propriedade.

Foi numa das câmaras vastas e sombrias dessa torre remanescente que eu, Antoine, o último dos desditosos e malditos Condes de C..., vi a luz do dia, noventa longos anos atrás. Dentro dessas paredes e em meio às florestas umbrosas e escuras, às ravinas e grutas escarpadas da encosta abaixo, transcorreram os primeiros anos de minha vida conturbada. Meus pais, eu jamais conheci. Meu pai fora morto aos trinta e dois anos, um mês antes que eu nascesse, pela queda de uma pedra que, de alguma forma, se desprendera de um dos parapeitos desertos do castelo. E como minha mãe morrera no meu nascimento, meus cuidados e educação couberam exclusivamente ao único servidor restante, um homem velho e leal de inteligência considerável cujo nome eu me recordo como Pierre. Eu era filho único e a falta de companhia que isso me causou foi aumentada pelo estranho cuidado de meu idoso guardião ao me privar da companhia das crianças camponesas cujas esparsas moradias se espalhavam pelas planícies que rodeiam a base da montanha. Naquela época, Pierre dizia que essa restrição me fora imposta porque meu berço nobre me colocava acima da associação com uma companhia assim plebeia. Agora eu sei que o seu real objetivo era poupar meus ouvidos das histórias fúteis da maldição terrível sobre nossa linhagem que eram contadas e magnificadas à noite pelos rendeiros simplórios quando conversavam aos sussurros sob o clarão do fogo em seus casebres.

Assim isolado, e abandonado à minha própria sorte, eu passei as horas da minha infância absorto nos tomos antigos que enchiam a sombria biblioteca do castelo e perambulando sem destino ou propósito pela poeira eterna do bosque espectral que ainda reveste a encosta do monte perto de sua base. Foi talvez por efeito dessa vizinhança que minha mente logo adquiriu uma sombra de melancolia. Aqueles estudos e buscas que compartilham, em natureza, o obscuro e o oculto, demandavam mais fortemente minha atenção.

De minha própria estirpe, fui autorizado a aprender singularmente pouco, mas aquele pequeno conhecimento dela que fui capaz de adquirir pareceu me deprimir muito. Talvez fosse, no início, apenas a relutância manifesta de meu velho preceptor em discutir comigo minha ascendência paterna que deu origem ao terror que eu sempre senti à menção de minha nobre casa, mas quando deixei a infância, pude montar os fragmentos desencontrados das conversas deixados escapar pela língua que começara a vacilar, descontrolada, com a chegada da senilidade, que tiveram uma espécie de relação com uma certa circunstância que eu sempre julgara estranha, mas que agora se tornava soturnamente terrível. A circunstância a que me refiro é a idade prematura na qual todos os condes de minha linhagem haviam encontrado seu fim. Apesar de até então ter considerado que isso não passava do atributo natural de uma família de homens de vida curta, dali em diante eu meditei demoradamente naquelas mortes prematuras e comecei a relacioná-las com as divagações do velho, que falava com frequência de uma maldição que, durante séculos, impedira as vidas dos portadores de meu título de superarem a idade de trinta e dois anos. Em meu vigésimo primeiro aniversário, o idoso Pierre entregou-me um documento de família que, disse ele, durante muitas gerações fora passada de pai para filho, e mantida pelo seu possuidor. Seu conteúdo era da mais assombrosa natureza e a sua leitura atenta confirmou a gravidade de minhas apreensões. Nessa época, minha crença no sobrenatural era firme e solidamente assentada, senão eu teria descartado com desprezo a narrativa incrível que se desdobrou diante dos meus olhos.

O papel levou-me de volta aos dias do século XIII, quando o velho castelo em que eu estava era uma temida e impenetrável fortaleza. Ele falava de um certo ancião que habitara um dia em nossa propriedade, uma pessoa de não poucas realizações, embora pouco acima da classe dos camponeses, de nome Michel, geralmente designado pelo sobrenome Mauvais, o Mal, por sua sinistra repu-

tação. Ele havia estudado além do habitual em seu povo, buscando coisas como a Pedra Filosofal ou o Elixir da Vida Eterna nos segredos terríveis da Magia Negra e da Alquimia, sendo considerado um sábio. Michel Mauvais teve um filho de nome Charles, um jovem tão versado quanto ele nas artes ocultas, e que por isso foi chamado Le Sorcier, ou o Feiticeiro. Essa dupla, evitada por todas as pessoas honestas, foi suspeita das práticas mais hediondas. Dizia-se que o velho Michel havia queimado viva a esposa num sacrifício ao Diabo e o inexplicável desaparecimento de muitas criancinhas camponesas foi imputado a esses dois. No entanto, pela natureza obscura do pai e do filho corria um raio redentor de humanidade; o perverso ancião amava seu rebento com ardente intensidade, enquanto o jovem tinha por seu pai um afeto mais que filial.

Certa noite, o castelo no alto da colina foi colocado na mais alucinada confusão pelo desaparecimento do jovem Godfrey, filho de Henri, o Conde. Um grupo de busca, chefiado pelo pai desesperado, invadiu a casa de campo dos feiticeiros e ali topou com o velho Michel Mauvais ocupado com um enorme caldeirão borbulhando intensamente. Sem prova evidente, na loucura des-governada de fúria e desespero, o Conde agarrou o idoso mago e antes que relaxasse seu aperto assassino, sua vítima se fora. Enquanto isso, criados jubilosos estavam proclamando a descoberta do jovem Godfrey num quarto distante e pouco usado do grande edifício contando, tarde demais, que o pobre Michel fora morto em vão. Quando o Conde e seus camaradas se afastavam da morada baixa do alquimista, a figura de Charles Le Sorcier apareceu por entre as árvores. A tagarelice excitada dos lacaios que estavam por ali já o informara do que havia ocorrido, mas ele, no início, pareceu indiferente ao destino de seu pai. Depois, avançando lentamente ao encontro do Conde, ele pronunciou num tom grave, mas terrível, a maldição que haveria de assombrar para sempre a casa de C...

“Que nenhum nobre de vossa linhagem assassina
Sobreviva para atingir uma idade maior do que a vossa!”

proclamou ele, quando, saltando abruptamente de volta para a mata escura, tirou de sua túnica um frasco contendo um líquido incolor o qual lançou na face do assassino de seu pai enquanto desaparecia por trás do negro cortinado da noite. O Conde morreu sem dizer palavra e foi enterrado no dia seguinte, com pouco mais de trinta e dois anos desde a hora do seu nascimento. Não foi possível encontrar traço do seu assassino, mesmo quando grupos infatigáveis de camponeses vasculharam os bosques vizinhos e os campos em volta do monte.

Mas o tempo e a falta de quem lembrasse embotaram a memória da maldição nas mentes da família do finado Conde, de tal forma que, quando Godfrey, causa inocente de toda a tragédia e então portador do título, foi morto por uma flecha enquanto caçava, aos trinta e dois anos de idade, não houve considerações exceto as de tristeza pela sua morte. Mas anos depois, quando o jovem Conde seguinte, de nome Robert, fora encontrado morto, sem causa aparente, num campo próximo, os camponeses murmuraram que seu amo havia acabado de celebrar o trigésimo segundo aniversário quando a morte prematura o surpreendera. Louis, filho de Robert, foi encontrado afogado no fosso, com a mesma idade fatídica, e assim, no correr dos séculos, seguiu a crônica aziaga: Henris, Roberts, Antoinnes e Armands ceifados de vidas alegres e virtuosas com idade pouco inferior à de seu desafortunado ancestral ao ser assassinado.

O fato de me restar, no máximo, onze anos de existência foi assegurado pelas palavras que eu lera. Minha vida, antes levada com despreocupação, começava agora a ficar cada vez mais cara à medida que me aprofundava nos mistérios do mundo oculto da magia negra. Isolado como estava, a ciência moderna não me impressionava, e eu labutava como na Idade Média, tão às ocultas como

o velho Michel e o jovem Charles, na aquisição de conhecimentos demonológicos e alquímicos. No entanto, por mais que lesse, não conseguia de maneira alguma entender a estranha maldição que pesava sobre a minha linhagem. Em momentos de invulgar racionalidade, eu chegava até mesmo a procurar uma explicação natural, atribuindo as mortes prematuras de meus ancestrais ao sinistro Charles Le Sorcier e seus herdeiros; contudo, tendo descoberto, depois de uma investigação cuidadosa, que não havia nenhum descendente conhecido do alquimista, eu retomaria os estudos ocultos, e mais uma vez me esforçaria para encontrar um feitiço que libertasse minha casa do seu terrível fardo. A uma coisa eu estava absolutamente resolvido. Jamais me casaria, pois, como não havia nenhum outro ramo em minha família, eu próprio poria fim à maldição.

Quando me aproximava dos trinta anos, o velho Pierre foi chamado para o além. Sozinho, eu o enterrei embaixo das pedras do pátio onde ele gostava de perambular em vida. Assim, fui deixado a meditar comigo mesmo como a única criatura humana no interior da imponente fortaleza, e na completa solidão, meu espírito começou a aplacar seu inútil protesto contra a desgraça iminente, para quase se reconciliar com o destino que tantos antepassados meus haviam encontrado. Boa parte de meu tempo era então empregada na exploração das salas e torres abandonadas e em ruínas do velho castelo que, na mocidade, o medo me fizera evitar, e alguns dos quais o velho Pierre uma vez me dissera que não eram palmilhados por pés humanos havia mais de quatro séculos. Estranhos e aterradores eram muitos objetos que encontrei. Móveis, cobertos pela poeira dos tempos e desabando com a podridão da prolongada umidade, refletiam em meus olhos. Teias de aranha, numa profusão como eu nunca vira, espalhavam-se por toda parte, e morcegos enormes batiam suas asas esqueléticas e sinistras por todos os lados na penumbra; além disso, tudo mais estava desocupado.

De minha idade precisa, anotando até dias e horas, eu mantinha o mais cuidadoso registro, pois cada movimento do pêndulo do maciço relógio na biblioteca falava muito de minha existência condenada. Finalmente, eu me aproximei daquela idade aguardada, há tanto tempo, com apreensão. Como a maioria de meus ancestrais fora apanhada um pouco antes de atingir a idade exata do Conde Henri em seu fim, eu vivia esperando, a cada momento, a chegada da morte desconhecida. Sob que forma estranha a maldição me alcançaria, eu não sabia; mas estava resolvido a que, pelo menos, ela não encontraria em mim uma vítima acovardada ou passiva. Com renovado vigor, eu me empenhei no exame do velho castelo e seus conteúdos.

Foi numa de minhas excursões mais demoradas pela parte deserta do castelo, menos de uma semana antes daquela hora fatal que, no meu sentimento, deveria ser o limite extremo de minha estada na Terra, além da qual eu não poderia ter a mais remota esperança de continuar respirando, que cheguei ao acontecimento culminante de toda minha vida. Eu passara boa parte da manhã subindo e descendo pelas escadarias meio em ruínas de uma das torres ancestrais mais dilapidadas. Com a tarde já avançada, procurei os níveis inferiores, descendo para o que me pareceu um lugar de confinamento medieval ou um depósito de pólvora escavado mais recentemente. Enquanto atravessava devagar a passagem incrustada de salitre ao pé da última escada, o calçamento se mostrou muito úmido e logo avistei, sob a luz bruxuleante do archote, uma parede nua e manchada de água que barrava o caminho. Ao virar para retornar sobre meus passos, o olhar caiu sobre um pequeno alçapão com argola diretamente debaixo do meu pé. Parando, segui com dificuldade levantá-lo, expondo uma abertura negra exalando vapores repulsivos que fizeram meu archote crepitar, e revelando, ao clarão inconstante, o topo de um lance de degraus de pedra. Tão logo o archote que baixei até as profundezas repulsivas ardeu livre e regularmente, comeci a descer. Os degraus eram

muitos e levavam a uma passagem estreita calçada com pedras que eu sabia que devia ser um subterrâneo profundo. Essa passagem revelou ser de grande extensão e terminava numa porta de carvalho maciça, que gotejava com a umidade do lugar e resistiu bravamente a todas minhas tentativas para abri-la. Interrompendo, passado algum tempo, meus esforços nesse sentido, eu havia recuado até certa distância na direção dos degraus quando me aconteceu, subitamente, um dos choques mais profundos e alucinantes que a mente humana é capaz de receber. Sem nenhum aviso, *ouvi a pesada porta às minhas costas girar, rangendo sobre as dobradiças enferrujadas*. Minhas sensações imediatas foram à prova de análise. Defrontar-me, num lugar tão absolutamente deserto como eu julgava o velho castelo, com a evidência da presença de homem ou espírito produziu um horror dos mais agudos em meu cérebro. Quando me virei, por fim, e olhei para a origem do som, meus olhos devem ter saltado das órbitas à visão que tiveram. Ali, na ancestral passagem gótica, estava uma figura humana. Era a de um homem usando um barrete e uma longa túnica medieval de cor escura. Seu longo cabelo e sua barba esvoaçante tinham uma tonalidade preta intensa e terrível, e eram de uma incrível profusão. Sua fronte, de uma altura superior às dimensões usuais; as maçãs do rosto encovadas e pesadamente sulcadas de rugas; e as mãos, longas como garras e encarquilhadas, exibiam uma alvura marmórea como eu jamais vira em homem algum. Sua figura, de uma magreza esquelética, era estranhamente curvada e quase sumia nas dobras volumosas de seu curioso traje. O mais estranho de tudo, porém, eram os olhos, cavernas gêmeas de uma escuridão abissal, profundos na expressão de entendimento, mas desumanos no grau de perversidade. Eles estavam fixos em mim, perfurando minha alma com seu ódio e mantendo-me cravado no lugar onde eu estava. A figura falou, enfim, com uma voz trovejante que me enregelou todo com sua soturna cavernosidade e latente malevolência. A língua em que o discurso se vestia era aquela forma degradada de

latim usada pelos homens mais cultos da Idade Média e com a qual eu me familiarizara nas longas pesquisas das obras de velhos alquimistas e demonólogos. A aparição falou da maldição que pairava sobre minha casa, contou-me sobre o meu fim iminente, se alongou sobre o erro perpetrado por meu ancestral contra o velho Michel Mauvais e se regozijou com a vingança de Charles Le Sorcier. Ela contou como o jovem Charles havia escapado pela noite, retornando anos depois para matar Godfrey, o herdeiro, com uma seta quando este se aproximara da idade em que seu pai fora assassinado; como ele havia retornado secretamente à herdade e se estabelecido, incognitamente na câmara subterrânea já então deserta cuja porta agora enquadrava o hediondo narrador, como ele havia apanhado Robert, filho de Godfrey, num campo, forçara veneno pela sua garganta e o deixara morrer aos trinta e dois anos, mantendo assim o vaticínio infame de sua maldição vingativa. Nesse ponto, fiquei a imaginar a solução do maior mistério de todos, como a maldição fora cumprida desde aquela época em que Charles Le Sorcier devia, no curso da natureza, ter morrido, pois o homem divagava num relato dos profundos estudos alquímicos dos dois magos, pai e filho, falando mais particularmente das pesquisas de Charles Le Sorcier referente ao elixir que garantiria a quem o partilhasse vida e juventude eternas.

O entusiasmo pareceu, naquele momento, retirar-lhe dos terríveis olhos a negra malevolência que no início tanto me assustara, mas, subitamente, o olhar diabólico retornou e, com um som horrível como o sibilar de uma serpente, o estranho ergueu um frasco de vidro com a evidente intenção de terminar com minha vida como Charles Le Sorcier fizera seiscentos anos antes com a de meu antepassado. Movido por algum instinto de autopreservação, quebrei o encanto que me paralisara e joguei o archote, que já se extinguia, na criatura que ameaçava minha existência. Ouvi o frasco se quebrar inocuamente contra as pedras da passagem enquanto a túnica do estranho se incendiava iluminando a cena

horripilante com uma radiação fantasmagórica. O uivo de pavor e maldade impotente que o homicida soltou foi demais para meus já abalados nervos e desabei, sem sentidos, no piso escorregadio.

Quando enfim recobrei os sentidos, tudo estava assustadoramente escuro e minha mente, recordando o que havia ocorrido, contraiu-se com a ideia de enxergar qualquer coisa mais; mas a curiosidade sobrepujou todo o resto. Quem, eu me perguntei, era esse homem perverso e como ele chegara dentro das paredes do castelo? Por que queria vingar a morte de Michel Mauvais e como a maldição fora mantida, ao longo dos séculos, desde o tempo de Charles Le Sorcier? O pavor de anos me foi tirado dos ombros, pois sabia que aquele que eu havia abatido era a fonte de todo meu perigo advindo da maldição; e agora que eu estava livre, ardia de desejo de saber mais sobre a coisa sinistra que assombrara minha linhagem durante séculos e transformara minha juventude num pesadelo contínuo. Determinado a continuar explorando, procurei pederneira e aço nos bolsos e acendi a tocha não utilizada que trouxera. Primeiro, a nova luz revelou a forma escura e retorcida do estranho misterioso. Os olhos medonhos estavam fechados. Nauseado pela vista, eu a contornei, entrando na câmara atrás da porta gótica. Ali eu encontrei o que parecia um laboratório de alquimista. Num canto amontoava-se uma pilha imensa de metal amarelo brilhante que cintilou esplendidamente à luz do archote. Devia ser ouro, mas não parei para examinar, pois estava singularmente afetado pelo que se passara comigo. Na ponta extrema do recinto havia uma abertura levando para fora, para uma das muitas ravinas selvagens da negra floresta da encosta do morro. Cheio de espanto, mas percebendo então como o homem entrara no castelo, tratei de voltar. Pretendia passar pelos restos do estranho desviando o rosto, mas quando me aproximei do corpo, pareceu-me ouvir um som tênue emanando dele, como se a sua vida não estivesse completamente extinta. Horrorizado, virei-me para olhar a figura carbonizada e retorcida no chão. Então, de repente, os olhos me-

donhos, mais negros até que o rosto ressequido no qual estavam engastados, se abriram completamente com uma expressão que não fui capaz de interpretar. Os lábios rachados tentaram formar palavras que não pude compreender bem. Captei, a certa altura, o nome de Charles Le Sorcier e de novo imaginei que as palavras “anos” e “maldição” saíram da boca retorcida. Mesmo assim, não consegui entender o propósito da fala desconexa. Em face da minha evidente ignorância do significado, os olhos de breu reluziram malévolos uma vez mais para mim até que, por mais indefeso que achasse meu oponente, estremeci enquanto o observava.

De repente, o infeliz, animado por uma última descarga de energia, ergueu a cabeça lastimável do pavimento úmido e submerso. Então, enquanto eu ficava paralisado de pavor, ele encontrou a voz e num sopro moribundo gritou as palavras que assombraram para sempre meus dias e noites. “Estúpido!”, uivou, “não consegues imaginar meu segredo? Não tens cérebro para reconhecer a vontade que durante seis longos séculos cumpriu a terrível maldição sobre a casa? Não te falei do fabuloso elixir da vida eterna? Não sabes como o segredo da Alquimia foi resolvido? Eu te digo, sou eu! *Eu! Eu! que vivi seiscentos anos para cumprir minha vingança,* POIS EU SOU CHARLES LE SORCIER!”

(1916)